

Para OEA, crise exige “medidas dramáticas”

WASHINGTON — O secretário-geral da Organização dos Estados Americanos (OEA), Alejandro Orfila, pediu ontem a adoção de “medidas dramáticas” para resolver a mais grave crise econômica do pós-guerra na América Latina, durante a conferência sobre o financiamento externo do organismo, marcada para os dias 5 a 9 de setembro, em Caracas. Na ocasião, segundo disse, a OEA apresentará um documento criticando os métodos de renegociação de dívidas externas utilizados até agora.

O documento destaca o “desequilíbrio” entre as partes negociadoras, já que o país devedor se encontra só frente ao conjunto de credores, e condena a “função assimétrica” do Fundo Monetário Internacional, pela falta de capacidade de impor ajustes aos países com superávits no balanço de pagamentos, além de destacar a parte da responsabilidade na crise exercida pelos bancos internacionais.

Segundo Orfila, “a dívida é tão elevada e com uma estrutura de tais características que o esforço interno necessário para pagar o serviço é quase impossível de manter”. O documento da OEA pede “novas formas de refinanciamento”, que “signifiquem uma efetiva participação de

todas as partes envolvidas, levando a uma maior equidade na distribuição dos custos da crise, e que tornem flexíveis as bases dos programas de ajuste nas nações devedoras”.

Porém, contrariando as expectativas de que o organismo recomendaria a renegociação coletiva das dívidas externas dos países latino-americanos, o documento da OEA descarta expressamente essa hipótese, afirmando apenas que a conferência terá de encontrar “critérios comuns de caráter geral e bases mínimas” entre as nações da América Latina, para enfrentar a renegociação de seus débitos.

Orfila enfatizou que, “se não forem adotadas medidas dramáticas para corrigir a situação, a crise econômico-financeira enfrentada pelos países membros da OEA só pode agravar-se”, acrescentando que os dados disponíveis sobre a situação a curto prazo “não permitem esperar que as condições econômicas melhorem espontaneamente”. Ele atribuiu a atual crise a fatores principalmente externos e considerou que, para superá-la, são necessárias “medidas globais, regionais e nacionais”. Também reafirmou que a América Latina enfrenta “problemas de liquidez e não de insolvência” e reiterou sua confiança em uma recuperação a médio prazo.